

Quando velhos resistem: Gil, Chico e Caetano nas manifestações brasileiras de 2025



Adriana Costa Koch

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Programa de Pós-graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, São Paulo, SP, Brasil
ORCID <https://orcid.org/0009-0002-6274-2168>

Gisela Grangeiro da Silva Castro

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Programa de Pós-graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, São Paulo, SP, Brasil
ORCID <https://orcid.org/0000-0003-0662-3770>

Resumo

O presente ensaio analisa a presença de artistas octogenários – notadamente Gilberto Gil, Chico Buarque e Caetano Veloso – nas manifestações políticas de 21 de setembro de 2025 no Brasil. O objetivo é problematizar o senso comum que associa a velhice ao ocaso e à incapacidade, propondo, em contrapartida, a noção de um “envelhecimento desejante”, interpretado como um contradispositivo ao etarismo e aos mecanismos de vigilância e controle sobre os corpos envelhecidos. Com base em uma análise cultural de evento político-musical ocorrido no Rio de Janeiro em protesto contra a chamada Proposta de Emenda à Constituição da Blindagem, o estudo articula os conceitos de esfera pública técnico-midiaticizada de Richard Miskolci e as transformações do solo moral de Paula Sibilia para contextualizar a performance dos artistas destacados. Os resultados indicam que a atuação desses músicos no espaço público não representa apenas um ato simbólico, mas a manifestação de uma potência que aponta para o envelhecimento como fonte de autoridade moral e engajamento cívico. Tal fenômeno desafia o modelo etarista e jovencêntrico de atribuição de valor sociocultural e aponta para a necessidade de novas formas de encarar e vivenciar o envelhecer na contemporaneidade.

Palavras-chave

comunicação e consumo; envelhecimento; etarismo; resistência; velhice potente e desejante

1 Subir no palco, apesar de já não “cheirar a talco”¹

As manifestações políticas ocorridas no Brasil em 21 de setembro de 2025, em oposição à Proposta de Emenda à Constituição (PEC) da Blindagem, foram catalisadas por um fenômeno de potente ressonância simbólica: a presença ativa de artistas octogenários que, décadas antes, haviam sido porta-vozes da resistência à ditadura civil-militar. A mobilização, convocada e protagonizada por nomes como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Chico Buarque, entre outros, reeditou em um novo contexto histórico a estreita aliança entre arte e política. Ao subir no palco, já não mais cheirando a “talco como bumbum de bebê” (Palco, 1981), a imagem desses artistas, marcados pelo tempo, ocupando o centro da arena pública – o palco, nosso objeto de análise – oferece um ponto de partida para questionar as relações de poder e as práticas culturais que moldam a percepção do envelhecimento no contemporâneo. O presente artigo, de natureza teórico-reflexiva, propõe-se a analisar tal acontecimento como um contradispositivo que tensiona as narrativas hegemônicas sobre a velhice, utilizando o arcabouço dos estudos culturais e do envelhecimento para interpretar as complexas camadas de significado que emergem da performance enfocada.

O problema central que orienta esta reflexão reside na contradição de uma sociedade que, por um lado, celebra uma vitalidade madura atrelada ao consumo e, por outro, mantém um ideal de juventude como norma, gerando o que Gisela Castro (2018, 2022) define como envelhecimento paradoxal ou anti-idade, aquele que tem na aparência juvenil um imperativo. Este fenômeno coexiste com o etarismo, misto de preconceito, estereótipo e discriminação baseada na idade que frequentemente relega os mais velhos à invisibilidade ou a papéis sociais restritos (Applewhite, 2019; Castro, 2022).

O protagonismo desses artistas nas manifestações de setembro de 2025, contudo, desafia diretamente essa lógica ao deslocar o corpo envelhecido do lugar de passividade ou declínio para o de agente da resistência e catalizador da mobilização coletiva. O objetivo deste trabalho é, portanto, problematizar o senso comum que associa a velhice ao ocaso e à incapacidade, investigando como a performance desses artistas atualiza repertórios de resistência e demanda outras formas de conceber o envelhecimento. A questão que se impõe é: de que maneira a atuação desses octogenários em um palco político contemporâneo desestabiliza os discursos etaristas e aponta para a emergência de outros modos, potentes e desejantes, de envelhecer?

¹ Trecho da letra da canção *Palco* (1981), de Gilberto Gil.

Como principal argumento, sustenta-se que a atuação desses octogenários em cena pública contraria o etarismo e o modelo de envelhecimento paradoxal. Inspirados nas noções de potência e devir estudadas por Deleuze e Guattari (1997), buscamos neste trabalho descrever uma forma de envelhecer que não se submete ao ideário neoliberal do *ageless* – o “sem idade” que mascara a passagem do tempo –, mas que, ao contrário, extrai força da experiência acumulada e da memória incorporada. A força cultural desses artistas não reside na capacidade de sustentar uma suposta aparência juvenil em idade avançada, mas em serem quem são, com toda a carga simbólica que seus corpos e obras carregam. Eles não são mais os mesmos, e nem pretendem ser. É justamente na diferença, na transformação e na permanência de seu compromisso político que reside a potência aqui destacada. Defendemos que a performance de 2025 não seria uma repetição nostálgica, mas uma reinvenção que produz novos sentidos para o longeviver e a resistência política.

Para desenvolver esta argumentação, o texto se estrutura em seções que articulam o referencial teórico ao objeto cultural em questão. Primeiramente, discute-se o etarismo como uma forma de opressão estrutural e problematiza-se a desvalorização do corpo envelhecido na cultura contemporânea, com base nas contribuições de Sibilia (2013), Applewhite (2019), Castro (2018, 2022), Debert e Félix (2024). Em paralelo, analisa-se o contexto da esfera pública técnico-midiatizada (Miskolci, 2021) e as transformações do solo moral contemporâneo (Sibilia, 2023) como pano de fundo para as disputas simbólicas atuais.

A terceira seção retoma a crítica foucaultiana aos dispositivos de poder (Foucault, 1987), correlacionando a vigilância dos corpos ao controle sobre o envelhecimento. Na quarta e na quinta seções, desenvolve-se o conceito de envelhecimento desejante em diálogo com a noção de potência (Deleuze; Guattari, 1997), concluindo com uma reflexão sobre as tensões e os desdobramentos que essa forma de resistência propõe para a compreensão do envelhecimento na atualidade.

2 “Como nossos pais”²: o etarismo e o envelhecimento paradoxal

A cultura contemporânea mantém uma relação ambivalente com o envelhecimento. Se, por um lado, a longevidade é celebrada como uma conquista social, por outro, a velhice é frequentemente associada a narrativas de declínio, incapacidade e obsolescência. Essa

² Título e trecho da letra da canção *Como Nossos Pais* (1976), de Belchior.

contradição é a base para o etarismo, um conjunto de estereótipos, preconceitos e discriminações baseado na idade e que opera como uma forma de opressão estrutural (Applewhite, 2019; Castro, 2018, 2022; OMS, 2021). O etarismo é um fenômeno complexo que pode ser individual, cultural e/ou institucional e se manifesta tanto em ações dirigidas aos outros quanto em um processo de internalização, no qual o indivíduo volta o preconceito contra si mesmo, minando sua autoestima e a percepção de seu próprio valor. Conforme observam os estudiosos citados acima, o etarismo seria a mais insidiosa das discriminações, pois se volta contra nosso futuro eu, criando uma cisão entre quem somos e quem seremos.

Essa valorização da juventude a qualquer preço alimenta o que Castro (2022) denomina como envelhecimento paradoxal: a coexistência de uma celebração da vitalidade na maturidade com a manutenção de um ideal de juventude a ser perseguido em qualquer idade. Nesse cenário, emerge o ideário *ageless* (sem idade), uma construção discursiva que, sob a aparência de valorizar a pessoa para além de sua idade cronológica, reforça uma lógica neoliberal de responsabilização individual pela “falha moral” de envelhecer. Como aponta a autora, o chamado envelhecimento bem-sucedido é tornado uma questão de “escolha” pessoal, desvinculada das condições sociais, econômicas e políticas que o determinam. Essa perspectiva contribui para o que Guita Grin Debert (2004) define como a “reprivatização do envelhecimento”, transformando-o em um problema de indivíduos que foram “incapazes” de adotar os estilos de vida e de consumo adequados para evitar os sinais e eventuais problemas da velhice. Essa lógica se intensifica em um contexto de financeirização da velhice, no qual a convergência entre Estado e mercado redefine a velhice em termos de valor econômico e autonomia individual, muitas vezes levando ao endividamento da população idosa (Debert; Félix, 2024).

Ao articular esses conceitos, a velhice se transforma, assim, em um novo nicho de mercado, onde a autonomia é medida pela capacidade de consumo e a aparência envelhecida é vista como um fracasso pessoal. A publicidade, como aponta Castro (2018), desempenha um papel crucial na disseminação desses valores, ao mesmo tempo em que tenta capturar o chamado mercado grisalho para o consumo de bens e serviços. Cria-se, assim, uma figura idealizada do idoso ativo, o consumidor “jovem de espírito”, algo que mascara as desigualdades sociais e a heterogeneidade da população idosa. Essa representação seletiva contribui para a invisibilidade de pessoas que não se encaixam nesse padrão, reforçando o estigma associado aos sinais de envelhecimento e fragilidade.

A presença dos artistas octogenários nas manifestações de 2025 atua como um contradispositivo que tensiona diretamente essa lógica. Ao se posicionarem como figuras protagonistas da resistência ao arbítrio no debate público, eles reafirmam a relevância política de seus corpos marcados pelo tempo. Sua performance se baseia na legitimidade da memória e da experiência como fontes de valor cultural. Sua potência emana justamente da longa duração de suas trajetórias e do capital simbólico acumulado ao longo de décadas de produção cultural e de engajamento político. Essa postura desafia a narrativa do envelhecimento como um fardo individual e o reinscreve como uma dimensão da vida coletiva, dotada de valor e significado próprios. Eles nos lembram que envelhecer vai além do processo biológico, sendo também uma construção cultural, que por sua vez pode ser contestada e ressignificada. Vale ressaltar que a excepcionalidade desses corpos no palco não invalida, mas antes amplifica, a importância das resistências silenciosas de tantos outros idosos que, fora do palco midiático, recusam a invisibilidade imposta pelo etarismo por meio de suas escolhas, suas presenças, suas insistências e suas ações diárias.

2.1 Batalhas morais e a esfera pública técnico-mediatizada

A mobilização de setembro de 2025 ocorreu em uma arena reconfigurada pelo alcance mediado pela tecnologia e por profundas transformações nos valores coletivos, diferente das arenas na época da ditadura no Brasil. O palco onde os artistas octogenários se apresentaram transcende a praça física, estendendo-se para o que Richard Miskolci (2021) define como a esfera pública técnico-mediatizada. Nesse ambiente, além do alcance da transmissão, as plataformas digitais atuam como agentes que potencializam os modos de visibilidade, a disputa simbólica e a mobilização afetiva. A convocação de Caetano Veloso por meio de suas redes sociais (Gelli, 2025) e a comoção pública observada na transmissão ao vivo da performance da canção *Cálice* (Mídia Ninja, 2025) são exemplos de como a ação política contemporânea articula de forma indissociável o presencial e o on-line, o corpo e a tecnologia. A viralização exponencial das imagens e a enorme repercussão nas plataformas de rede social amplificaram o alcance do evento, transformando-o em um acontecimento de referência em escala nacional.

Como aponta Paula Sibilia (2023), vivemos um momento de transformação do solo moral que sustentava a modernidade. A hipocrisia burguesa, com seus valores pretensamente universais, cedeu espaço a cinismos neoliberais e a um cenário onde vozes antes silenciadas emergem para denunciar opressões históricas, ao mesmo tempo em que forças reacionárias

operam de forma absolutamente maléfica para silenciá-las. Essa esfera é o terreno fértil para batalhas morais (Miskolci, 2021), disputas em torno de valores e identidades que ganham escala e intensidade com sua circulação no ambiente digital. É nesse contexto de polarização e de contestação que a presença desses artistas adquire uma camada adicional de significado. Eles entram em uma arena já saturada de discursos conflitantes, onde a própria noção de verdade e autoridade está em crise. A luta política, nesse contexto, é também uma luta pela definição da realidade, pela legitimidade dos discursos e pela hegemonia dos valores.

Nesse campo de batalha simbólico, a legitimidade dos artistas octogenários é conquistada e reafirmada. Eles representam uma forma de autoridade moral que contrasta com a efemeridade e a fragmentação da esfera digital. Sua longevidade e coerência histórica funcionam como um contraponto à rápida obsolescência de figuras públicas produzidas no frenesi técnico-midiatizado. Ao mesmo tempo, sua capacidade de se adaptar e utilizar as novas tecnologias para mobilização demonstra uma compreensão sofisticada do presente. Eles não são relíquias de um passado idealizado, mas agentes que atuam criticamente no presente, utilizando sua bagagem simbólica para intervir nas batalhas morais contemporâneas e defender consensos democráticos que se encontram sob ameaça. Naquele momento de intensa disputa, sua presença no palco pode ser lida como um ato de coragem que desafia a lógica dos algoritmos e reafirma a importância do encontro, da palavra cantada e do gesto do corpo presente. Em um tempo marcado pela desinformação e por discursos de ódio que se propagam com velocidade estonteante, a figura desses artistas – com sua credibilidade historicamente construída – atua como um anteparo, um ponto de referência estável em meio ao polarizado turbilhão sociopolítico. Assim, as ferramentas digitais são usadas para promover a mobilização em torno de valores democráticos. A batalha moral, nesse caso, é também uma batalha pela atenção, pela credibilidade e pelo sentido em um ecossistema midiático crescentemente complexo e fragmentado.

2.2 O corpo octogenário como repositório de memória e resistência

O corpo envelhecido, comumente classificado como frágil ou decadente, ressurgue nesta cena pública de 2025 como um potente repositório de memória coletiva e de resistência à impunidade. A presença de Gilberto Gil e Chico Buarque no palco, mais de cinquenta anos após a primeira – e censurada – apresentação de *Cálice*, mobiliza uma potente reativação simbólica. Seus corpos, inseridos na histórica “Geração 68”, funcionam como um arquivo vivo que conecta

as lutas contra a ditadura civil-militar ao embate contra as ameaças contemporâneas à democracia. Em sua materialidade, suas vozes carregam as ressonâncias do passado e as projetam sobre o presente, transformando a performance em contundente ato de testemunho e protesto. Com sua metáfora do silenciamento, a canção de Chico e Gil adquire novas camadas de sentido no Brasil atual.

Vale relembrear algumas nuances que caracterizam as individualidades dos artistas nesse mesmo grupo. Enquanto Chico Buarque, um dos compositores de MPB mais visados pela censura da época, se consolidava com uma música de protesto profundamente alinhada à esquerda, o movimento da Tropicália, liderado por Caetano Veloso e Gilberto Gil surgia com uma proposta de alegre revolução estético-cultural que eventualmente se confrontaria com a torpeza do regime, levando-os ao exílio em Londres de 1969 a 1972.

No palco de 2025, essas diferentes vertentes da resistência convergem, mostrando que, apesar das filiações estéticas distintas, o compromisso com a democracia e com a ação cidadã os une. A presença conjunta de Chico, Gil e Caetano, além do também octogenário Paulinho da Viola, figuras de proa na cena musical brasileira, simboliza a necessidade de união das forças democráticas em um momento de crise. A performance, nesse sentido, pode ser analisada à luz das reflexões de Corrêa (2017) sobre o festival Phono 73, no qual estreou *Cálice*. Mesmo naquele contexto de forte repressão, o evento constituiu-se como um espaço para a manifestação de dissensos e para a experimentação de outras formas de expressão artística e política.

Ao ocuparem o centro do palco como patronos daquele marcante ato musical pela cidadania, esses artistas promovem uma inversão da invisibilidade que o etarismo impõe à velhice. Seus corpos, que a cultura dominante poderia relegar ao espaço privado do “aposento” ou a narrativas de vulnerabilidade e dependência, tornam-se protagonistas da ação política que cataliza a indignação coletiva diante da iniquidade da impunidade sob o manto da lei. Embora manifestada em palco de grande visibilidade, essa atitude ecoa embora manifestada em um palco de grande visibilidade, ecoa as resistências silenciosas de tantos outros idosos e idosas que, em seu dia a dia, recusam a passividade e afirmam sua presença no mundo - seja atuando no mercado de trabalho, cuidando da família, participando de atividades comunitárias ou simplesmente insistindo cotidianamente em sua autonomia, desejando a vida em um processo de envelhecer que pede criatividade e contínua resistência à opressão etarista. Eles demonstram que o envelhecimento não apaga a capacidade de mobilização, de luta e de produção de sentido para a ação cidadã no País. Pelo contrário, a experiência acumulada

confere uma profundidade e uma autoridade singulares ao gesto. O corpo octogenário, nesse contexto, não é um corpo que “apesar de” velho resiste, mas é um corpo potente que inspira e vai à luta também por ser velho, por carregar as marcas, as cicatrizes e os louros de longa jornada de engajamento com as agruras do seu tempo. Ao analisar a performance desses artistas, mobiliza-se uma forma de pedagogia da memória que ensina às novas gerações sobre a importância da luta pela democracia e pelos direitos humanos no País. Eles nos lembram que a memória é um campo de disputas e que a arte tem um papel fundamental na sua preservação e transmissão.

3 Corpos (In)dóceis: vigilância e resistência na velhice

A análise da presença dos artistas octogenários no palco de 2025 ganha uma camada adicional de profundidade quando articulada com o pensamento de Michel Foucault (1987) sobre mecanismos de poder e disciplina. A sociedade moderna, segundo o autor, desenvolveu uma série de técnicas para a produção de corpos dóceis, submissos e exercitados para se ajustarem às normas e exigências do sistema produtivo. Essa anatomia política do detalhe opera por meio de uma vigilância constante e de uma normalização dos comportamentos, que se manifesta em instituições como a escola, o hospital e a prisão. O poder, mais do que apenas repressivo, é também produtivo: ele produz saberes, discursos e práticas que modulam corpos e subjetividades.

Podemos pensar o etarismo como um dispositivo de poder que busca tornar dóceis os corpos velhos. A sociedade exerce uma vigilância sutil, mas constante, sobre como não se deve envelhecer. As narrativas do “envelhecimento bem-sucedido”, atreladas ao consumo e à diligente luta pela manutenção de uma aparência juvenil, funcionam como um mecanismo de normalização que pune simbolicamente aqueles que não se enquadram. O corpo envelhecido que exibe suas marcas, que assume suas limitações ou que simplesmente recusa a moral da pele lisa (Sibilia, 2013) e a impostura do produtivismo é visto como um corpo desviante, que precisa ser corrigido ou ocultado.

Nesse contexto, a performance dos artistas octogenários pode ser lida como um ato de insubmissão, eloquente manifestação de corpos indóceis que recusam a disciplina normativa etarista em vigor. Ao ocuparem o palco, eles desafiam a expectativa de que já seria tempo se retirar de cena, tornando-se invisíveis. Seus corpos, que a lógica disciplinar insiste em conceber como esgotados e passivos, revelam-se potentes, artística e politicamente ativos. Além de

resistir à norma etarista, eles também criam uma contranarrativa, um contradispositivo que desestabiliza a associação entre velhice e docilidade. Eles nos mostram que é possível envelhecer de outra forma, sem aderir aos padrões impostos pela vigilância reacionária. E é precisamente nesta recusa à submissão imposta pelo dispositivo etarista que a análise foucaultiana pode abrir espaço para uma perspectiva mais radical, sobre a qual discorreremos a seguir.

4 A potência cultural do envelhecimento desejante

Se a crítica de Foucault (1987) nos ajuda a diagnosticar os mecanismos de coerção e vigilância, a filosofia de Deleuze e Guattari (1997) oferece as ferramentas para pensar a ruptura com a lógica hegemônica de desvalorização da velhice. O “envelhecimento desejante” emerge, assim, como uma recusa à docilidade imposta pelo dispositivo anti-idade (Foucault, 1987), além de mobilizar a potência criativa de um corpo envelhecido que se afirma e se reinventa, em constante devir (Deleuze; Guattari, 1997). A atuação dos artistas octogenários nas manifestações de 2025 nos convida a imaginar uma concepção de envelhecimento que escape às armadilhas do etarismo e dos imperativos de rejuvenescimento anti-idade. Em contraposição ao envelhecimento paradoxal proposto em trabalho anterior (Castro, 2018), vemos aqui o envelhecimento desejante. Inspirado nas noções de potência e devir, de Deleuze e Guattari (1997), o envelhecimento desejante diz respeito a capturar a força criativa e transformadora que emerge da experiência do envelhecer, quando o longeviver não se submete às normas que associam o envelhecimento à perda, à incapacidade e ao ocaso social. Trata-se de um envelhecer com vitalidade, liberdade e, sobretudo, pleno de desejo. O desejo, aqui, não é entendido como falta, mas como força vital que impulsiona à ação e à criação.

Argumentamos que um aspecto importante da força cultural atual desses artistas reside precisamente no que se pode chamar de potência. Muito além de símbolos marcantes do passado cultural, eles são agentes ativos de um presente que precisa, que necessita de sua atuação. Um exemplo notável é a forma como Gilberto Gil, em seus shows recentes, ressignifica seu próprio canto e explora novas camadas de sentido em sua performance, por vezes recitando a letra de suas músicas antes de propriamente cantá-las. Gestos como esse demonstram que nossos artistas já não são os mesmos, tampouco pretendem emular o que já foram. A potência está na transformação criativa, não na repetição. Eles nos mostram que envelhecer pode ocorrer em um processo de contínua experimentação e reinvenção de si.

O envelhecimento desejante se manifesta como um devir, um processo de transformação incessante que recusa as identidades fixas e os papéis pré-determinados por normas sociais às quais se pode – e deve – opor resistência. Os artistas não estão presos à imagem do que foram no passado, nem tentam se adequar a um ideal duvidoso de eterna juventude. Estão em constante processo de se tornarem outros, de se reinventarem em diálogo com o presente. Ao agirem politicamente na cena pública, criam um contradispositivo etário, um gesto que desestabiliza a associação normativa entre envelhecimento e passividade, abrindo espaço para novas formas de experimentação de ser e de estar no mundo na velhice. O envelhecimento desejante, portanto, é sobre o desejo de viver em estado de contínua criação e resistência às forças de dominação que pretendem impor padrões questionáveis e limites inaceitáveis.

5 “Tempo, tempo, tempo, tempo”³

A nosso ver, a presença desses artistas octogenários como protagonistas das manifestações de setembro de 2025 oferece uma oportunidade para repensar as relações entre envelhecimento, cultura, poder e política. Conforme argumentado neste ensaio, a atuação desses corpos envelhecidos no espaço público representa um contraponto ao etarismo e ao modelo anti-idade do envelhecimento paradoxal, propondo um modo de envelhecimento que classificamos como desejante. Ao extraírem força de sua memória incorporada e de seu capital simbólico, os artistas aqui selecionados demonstram que a potência cultural pode ser uma forma de resistência às opressões etaristas e aos discursos que associam a velhice ao declínio e à irrelevância social e cultural. A análise buscou demonstrar que a performance desses grandes nomes da música popular brasileira configura um importante ato político que produz outros sentidos para a vida longa, para o envelhecer com dignidade, como parte de uma postura de permanente resistência às forças que pretendem limitar as potências criativas da vida.

Essa postura evidencia uma tensão fundamental na sociedade contemporânea: de um lado, uma cultura que celebra a juventude e individualiza a responsabilidade pelo envelhecer, chegando a financeirizar a velhice, como apontam Debert e Félix (2024), como fonte de lucro. De outro, a emergência de formas de resistência política e cultural que reivindicam o valor da experiência longa e a importância da ação cidadã coletiva. O desafio que se coloca é o de

³ Trecho da canção *Oração ao Tempo* (1979), de Caetano Veloso.

combater o etarismo em um contexto que tende a transformar todos os aspectos da vida, inclusive o envelhecimento, em mercadoria. A luta por políticas públicas que assegurem a dignidade do envelhecimento é, portanto, inseparável da luta por narrativas culturais que o reconheçam como um campo de potência. Como nos ensinam os artistas em questão, é preciso ousar imaginar outras formas de envelhecer e seguir vivendo plenamente o tempo presente.

Fica a questão, contudo, de como construir narrativas de envelhecimento desejante que não dependam da excepcionalidade de artistas famosos. O que a experiência desses octogenários extraordinários poderia ensinar para a vida de pessoas comuns? Talvez a principal lição seja a de que o envelhecimento desejante não seria um estado a ser alcançado, mas um horizonte ético-estético e também político a ser construído coletivamente. A potência demonstrada no palco por estas figuras excepcionais pode, assim, mobilizar e fortalecer o cotidiano das figuras ordinárias, mostrando que a resistência à invisibilidade e a afirmação do desejo de viver e participar ativamente do tempo presente não são privilégios, mas possibilidades que se manifestam de múltiplas formas, desde o grande ato público até os pequenos gestos de afirmação de liberdade e autonomia no dia a dia. Trata-se de um convite à reflexão sobre nossos próprios preconceitos etários e à criação de uma cultura que celebre a diversidade das experiências do longeviver. As manifestações de 2025, nesse sentido, funcionam como um lembrete de que a velhice pode ser sinônimo de resistência e que os corpos que carregam as marcas do tempo podem ser, também, os que apontam de forma promissora para o futuro. O envelhecimento, afinal, é também um devir, um contínuo transformar-se, um ato de resistir para existir. A aposta em um envelhecimento desejante é, em última instância, uma aposta na própria vida, em sua capacidade de se reinventar e de produzir sentido, até o fim.

Referências

APPLEWHITE, Ashton. **This chair rocks**: a manifesto against ageism. New York: Celadon Books, 2019.

CASTRO, Gisela G. S. **Os velhos na propaganda**: atualizando o debate. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018.

CASTRO, Gisela G. S. Etarismo e promoção do ageless na publicidade contemporânea. **Revista Contemporânea**, Salvador, v. 10, n. 1, p. 87-105, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/contemporanea.v22i1.57451>. Acesso em: 10 nov. 2025.

COMO nossos pais. Intérprete: Belchior. *In: Alucinação* Intérprete: Belchior. Rio de Janeiro: Philips Records/PolyGram, 1976. 1 disco sonoro (37 min).

CORRÊA, Priscila G. Performance e resistência no Festival Phono 73. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 29., 2017, Brasília. **Anais** [...]. Brasília: ANPUH, 2017.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp, 2004.

DEBERT, Guita Grin; FÉLIX, Jorge. A financeirização da velhice e a convergência entre Estado e mercado. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 38, n. 111, p. 91-102, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.202438111.006>. Acesso em: 10 nov. 2025.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Edições 34, 1997. v. 4.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

GELLI, Thiago. A indignação de Caetano Veloso e mais artistas com a PEC da Blindagem. **Veja**, São Paulo, 18 set. 2025. Coluna: O Som e a Fúria.

MÍDIA NINJA. Chico e Gil incendeiam multidão no Rio com 'Cálice'. [S. l.: s. n.], 22 set. 2025. 1 vídeo (aprox. 2 min).

MISKOLCI, Richard. **Batalhas morais**: política identitária na esfera pública técnico-midiatizada. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

ORAÇÃO ao tempo. Intérprete: Caetano Veloso. *In: Cinema Transcendental*. Intérprete: Caetano Veloso. Rio de Janeiro: Philips Records, 1979. 1 CD, faixa 2.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório mundial sobre o idadismo**: resumo executivo. Washington: Organização Pan-Americana da Saúde, 2021.

PALCO. Intérprete: Gilberto Gil. *In: LUAR* (A gente precisa ver o Luar). Intérprete: Gilberto Gil. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 1981. 1 CD, faixa 2.

SIBILIA, Paula. Da hipocrisia aos cinismos: transformações do "solo moral" nas democracias contemporâneas. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 324-348, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v26i01.28055>. Acesso em: 10 nov. 2025.

SIBILIA, Paula. O corpo velho como uma imagem com falhas: a moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 9, n. 26, p. 83-114, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.18568/cmc.v9i26.345>. Acesso em: 10 nov. 2025.

When the old resist: Gil, Chico, and Caetano in the Brazilian protests of 2025

Abstract

This essay examines the presence of octogenarian artists—Gilberto Gil, Chico Buarque and Caetano Veloso – during the political demonstrations that took place in Brazil on September 21, 2025. The aim is to challenge the common sense that associates old age with decline and incapacity; instead, it proposes the concept of *desiring aging*. Methodologically, the essay conducts a cultural analysis of the event, interpreted as a counter-dispositive to ageism and to the mechanisms of surveillance and control over aging bodies. The discussion articulates the notions of Richard Miskolci's techno-mediatized public sphere and Paula Sibilia's transformations of the moral ground to contextualize the artists' performance. Findings suggest that the appearance of these aging bodies in public space represents not only a symbolic act but also the manifestation of a political and cultural potency that redefines aging as a source of moral authority and civic engagement. The analysis further indicates that this phenomenon challenges the paradoxical models of aging fostered by the media and consumer culture, pointing to the need for renewed narratives of old age in contemporary societies.

Keywords

communication and consumption; aging; ageism; resistance; potent and desiring aging

Declaração de disponibilidade de dados

Não se aplica.

Declaração de autoria e responsabilidade

Concepção e elaboração do estudo: Adriana Costa Koch, Gisela Grangeiro da Silva Castro
Coleta de dados: Adriana Costa Koch
Análise e interpretação de dados: Adriana Costa Koch, Gisela Grangeiro da Silva Castro
Redação: Adriana Costa Koch, Gisela Grangeiro da Silva Castro
Revisão crítica do manuscrito: Gisela Grangeiro da Silva Castro

Autoria para correspondência

Adriana Costa Koch
adrianacost@gmail.com

Como citar

KOCH, Adriana Costa; CASTRO, Gisela Grangeiro da Silva. Quando velhos resistem: Gil, Chico e Caetano nas manifestações brasileiras de 2025. **Intexto**, Porto Alegre, n. 58, e-151781, 2026. Seção temática 30 anos do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. DOI: <https://doi.org/10.22456/1807-8583.151781>

Recebido: 15/11/2025

Aceito: 09/03/2026

Copyright (c) 2025 Adriana Costa Koch; Gisela Grangeiro da Silva Castro. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

